

**AS DISCURSIVIDADES SOBRE A BNCC NO ESPAÇO DIGITAL:  
MEMÓRIA METÁLICA E EFEITOS DE SENTIDOS**

**DISCURSIVITIES ABOUT BNCC IN THE DIGITAL SPACE:  
METALLIC MEMORY AND SENSE EFFECTS**

Nilsa Brito Ribeiro<sup>1</sup>

Unifesspa

João de Deus Leite<sup>2</sup>

UFNT

João Victor Ferreira dos Santos Silva<sup>3</sup>

UFNT

**Resumo:** Neste trabalho, abordamos as discursividades sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em circulação no espaço digital e seus efeitos de sentido. Buscamos lançar luz às materialidades digitais e destacar como as especificidades do espaço digital afetam a formulação de discursividades. O processo de produção e homologação da BNCC foi marcado por embates políticos e ideológicos, fomentando reverberações no espaço digital. Portanto, é importante refletir como a implementação da BNCC (re)produz discursividades que circulam no corpo social, por meio do espaço digital, indo além do institucionalizado. Dessa forma, temos como foco as discursividades produzida por duas categorias sociais que estão atreladas ao arquivo, a saber: Ministério da Educação (MEC); e, representantes dos estudantes secundaristas (UBES). Nos filiamos teoricamente e metodologicamente à Análise de Discurso Francesa, formulada por Pêcheux, na França, difundida por Orlandi, no Brasil. Acentuamos as contribuições de Dias (2018) e de Paveau (2021) para reflexões acerca da Análise do Discurso Digital. As análises apontam para os efeitos de sentidos produzidos pela UBES vão de encontro às discursividades do MEC, uma vez que essa categoria (UBES) se manifestam contrária à aprovação da BNCC. O MEC, por meio da formação discursiva oficial, busca em suas postagens produzir efeitos de unidades.

**Palavras-chaves:** Análise do Discurso. BNCC. Espaço digital. Memória Metálica. Rede social.

**Abstract:** In this work, we address the discourses about the National Common Core Curriculum (BNCC) circulating in the digital space and their effects of meaning. We aim to shed light on digital materialities and highlight how the specificities of the digital space impact the formulation of discourses. The process of production and approval of the BNCC was marked by political and ideological conflicts, leading to reverberations in the digital space. Therefore, it is important to reflect on how the implementation of the BNCC (re)produces discourses that circulate in the social body through the digital space, extending beyond the institutionalized realm. In this way, our focus is on the discourses produced by two social categories linked to the archive, namely: the Ministry of Education (MEC); and representatives of secondary student

<sup>1</sup> Doutora em Linguística pela UNICAMP. Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) e do PPG Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia e do PPG Linguagem e Sociedade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9213-1726>. E-mail: [nilsa@unifesspa.edu.br](mailto:nilsa@unifesspa.edu.br)

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Linguísticos pela UFU. Docente do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8918-9940>. E-mail: [joaodedeus@uft.edu.br](mailto:joaodedeus@uft.edu.br)

<sup>3</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLLIT), da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4826-5721>. E-mail: [joavictorfdss@mail.uft.edu.br](mailto:joavictorfdss@mail.uft.edu.br)

groups (UBES). Theoretically and methodologically, we align ourselves with the French Discourse Analysis formulated by Pêcheux in France and disseminated by Orlandi in Brazil. We emphasize the contributions of Dias (2018) and Paveau (2021) for reflections on Digital Discourse Analysis. The analyzes point out that the effects of meaning produced by UBES contradict the discourses of MEC, given that this category (UBES) expresses opposition to the approval of the BNCC. Through its official discursive formation, MEC seeks to produce effects of unity in its posts.

**Keywords:** Discourse Analysis. BNCC. digital space. Metal Memory. social network.

**Submetido em 31 de agosto de 2023.**

**Aprovado em 29 de dezembro de 2023.**

## **Introdução**

*O digital produziu uma mudança na discursividade do mundo, [...] nas relações históricas, sociais e ideológicas, na constituição dos sujeitos e dos sentidos, mas também na forma dos relacionamentos, do trabalho, da mobilidade, dos encontros, até mesmo do fazer científico, do qual faz parte a maneira de sua produção e seus meios de circulação.*  
(DIAS, 2016, p. 9)

Este trabalho surge a partir de reflexões sobre o espaço digital e a produção de discursividade sobre a educação brasileira. O espaço digital em suas várias representações está cada dia mais enraizado em nossa sociedade, nos afetando diretamente. Em vista disso, adotamos o discurso digital como nosso objeto de análise.

A circulação de informações está cada vez mais instantânea, principalmente nas redes sociais, havendo uma saturação de dados que circula no corpo social/digital. Com os documentos relacionados à educação não é diferente, há uma profusão de discursividades que estão atreladas à educação brasileira. Portanto, enfocaremos neste trabalho as discursividades sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, doravante) no espaço digital.

A educação brasileira é norteada por diretrizes educacionais, seja de âmbito nacional, seja estadual, seja municipal visando a propor orientações pedagógicas à comunidade escolar. Esses documentos oficiais surgem pela necessidade de (re)atualizações de diretrizes anteriores, buscando proporcionar uma possível melhora no sistema educacional. Tais documentos estão em constantes (re)formulações, seja para negar uma diretriz anterior ou para ampliá-la.

Em 2014, começaram as discussões acerca da formulação de uma diretriz pedagógica que objetiva produzir um currículo comum para todo o Brasil. Essa proposta pedagógica chegou ao Congresso Nacional que aprovou a criação de uma Base Nacional Comum Curricular. É nesse processo discursivo que a BNCC é formulada, visando à realização de movimentos de (re)atualização dos documentos oficiais, e tornando-se um dos principais documentos

educacionais atuais. A *Base* tem a tarefa de propor conteúdos e habilidades, segundo o documento, essencial a todos os alunos integrantes da educação básica.

Entre a aprovação no Congresso Nacional, em 2014, e sua homologação, em 2017<sup>4</sup>, a BNCC sofreu bastantes alterações e discussões acerca de sua eficácia no âmbito educacional. Este período foi marcado por grandes conflitos ideológicos/políticos, pois grupos educacionais não aceitaram *a priori* a ideia de um documento que “impõe” o currículo comum em nível nacional, pois o país, com seu território continental, apresenta diferentes características em vários âmbitos, a saber: econômico, social, cultural, educacional etc.

Para além, vários acontecimentos políticos ocorreram no (per)curso de elaboração da BNCC, entre esses acontecimentos podemos citar a troca de presidente e de ministros da educação. Vale ressaltar que, em 2015, o Brasil estava enfrentando uma crise econômica, que, de certa medida, provoca uma crise política. A suposta crise foi utilizada como cortina de fumaça para instauração de um golpe de estado. A instabilidade política e econômica do país afetava diretamente o processo de elaboração e de implementação da *Base*.

O discurso digital, na relação com as condições de produção, abre vias para lançar luz à memória social acerca deste documento oficial, pois sua criação provocou manifestações e a tomada de posição de diferentes categorias organizadas de diferentes segmentos da sociedade. Para tanto, temos como foco as discursividades feitas sobre a BNCC por duas categorias/agentes sociais que estão implicados nesse documento pedagógico, a saber: Ministério da Educação; e, representantes dos estudantes secundaristas.

Uma vez que a BNCC está em circulação, a partir da memória discursiva, metálica e digital, é possível analisar o(s) furo(s) do discurso oficial sobre a BNCC. Portanto, é de grande relevância observar como a implementação da BNCC reverbera em discursividades que circulam no corpo social, por meio do espaço digital, indo além do que foi institucionalizado no arquivo.

Para a realização deste trabalho, nos filiamos à teoria da Análise de Discurso (AD) francesa, formulada por Michel Pêcheux, na França, por Orlandi, no Brasil, e, também, as contribuições de Dias (2018) e Paveau (2021) para reflexões acerca da Análise do Discurso Digital. A AD apresenta elementos teóricos e metodológicos que irão sustentar este trabalho, como por exemplo: formação discursiva; gesto de leitura; memória discursiva, metálica e digital; processo de produção do discurso (digital); e outros conceitos centrais da AD. Nos interessa, por meio da Análise de

---

<sup>4</sup> Destacamos que, em 2017, foi homologada a *Base* destinada apenas à educação infantil e ao ensino fundamental; em 2018, foi homologada a versão destinada ao ensino médio.

Discurso, analisar e problematizar a língua em movimento no espaço digital, ou seja, a língua produzindo sentido.

Por meio dos aparatos teóricos e metodológicos da AD poderemos analisar os atravessamentos discursivos que ocorrem nas discursividades sobre a BNCC pelas duas categorias citadas. Para tanto, recorreremos às postagens realizadas por cada categoria na rede social *Twitter*. Realizaremos recortes discursivos, por meio de captura de tela, para realizarmos a seleção de nosso *corpus*. Após a seleção do *corpus*, algumas perguntas se impõem: Quais atravessamentos discursivos estão em evidência em cada categoria? As postagens/tuítes contribuem ou rarefazem o imaginário de que a BNCC é um documento necessário?

A fim de responder esses questionamentos, propomos o seguinte objetivo geral: problematizar o modo como duas categorias públicas (MEC – UBES) produzem discursividades sobre a BNCC na rede social *Twitter* e suas implicações na relação de resistência/aceitação dos envolvidos com essa normativa. Quanto aos objetivos específicos: identificar como discursividades de circulação social sobre a BNCC ganham evidência no digital; apontar o modo como a memória social (atravessada pelo digital), nas discursividades sobre a BNCC, deixa flagrar pontos de dispersão; analisar se as discursividades que circulam no digital estão no campo da (des)ordem institucional.

Para contemplar esses objetivos, estruturamos esse trabalho em duas seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira seção, apresentamos nossas balizagens teóricas: apresentamos os principais dispositivos teóricos AD que servirá como ancoragem para os mo(vi)mentos de análise; tecemos reflexões sobre a Análise do Discurso Digital e suas especificidades; apresentamos três tipos de memória (discursiva, metálica e digital) comentamos sobre suas especificidades, intercruzamento e importância para produção de sentidos.

Na segunda seção, apresentamos nossos mo(vi)mentos de análise. Organizamos esta seção em duas subseções, a saber: na primeira subseção, realizamos análise dos tuítes da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas; na segunda subseção, apresentamos análise dos tuítes do Ministério da Educação.

## 1. Balizagens teóricas: entre fios discursivos e metálicos

*[...] percebe-se que os analistas de discurso dispõem de um aparato teórico complexo, composto por conceitos que se articulam engenhosamente na famosa ‘rede’ do discurso, aquela composta de fios e furos operando com igual relevo.*

(FERREIRA, 2008, p.16, grifo nosso)

Nesta seção, apresentamos nossas balizagens teóricas, as quais criam condições para os mo(vi)mentos de análise que empreenderemos neste trabalho. Portanto, para a realização desta pesquisa nos filiamos à teoria da Análise de Discurso Francesa, formulada por Michel Pêcheux, na França, difundida por Eni Orlandi, no Brasil, conforme já destacamos anteriormente. Destacamos, também, as contribuições de Dias (2018) e de Paveau (2021) para reflexões acerca da Análise do Discurso Digital; suas teorizações nos ajudaram a lançar luz ao discurso digital como objeto de análise.

### 1.1 Dispositivos teóricos: noções básicas da Análise de Discurso

Neste trabalho, como já mencionamos, lançaremos luz ao discurso digital nativo produzido sobre a Base Nacional Comum Curricular. Paveau (2021, p. 28) conceitua este discurso (digital nativo) como “produções verbais elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita”. Portanto, não nos interessa saber por meio de qual dispositivo são elaboradas as “produções verbais”, mas suas discursividades e efeitos de sentidos.

Antes de adentrarmos mais profundamente às questões que envolvem o discurso digital, iremos tecer considerações importantes, à luz da Análise de Discurso, sobre o sujeito e sua constituição. Como apresentamos na epígrafe desta seção, a AD dispõe de um aparato teórico complexo, e, para falarmos sobre o discurso digital, é preciso conhecer os dispositivos teóricos apresentados pela AD francesa, dispositivos esses que serão mobilizados no mo(vi)mento de análise posteriormente.

Tomamos discurso, a partir das considerações de Pêcheux (1969), como efeitos de sentidos entre locutores. Para ele, o discurso não é meramente uma transmissão de informações entre enunciadores, em que um fala e o outro recebe as informações e as decodifica. De acordo com Orlandi (2015, p.15), “o discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”. Em outras palavras, para a Análise de Discurso, a língua está intrinsecamente ligada à ideologia e à história, circulando no social.

Orlandi (2015, p.13) relaciona o discurso à “palavra em movimento, prática de linguagem: como estudo do discurso observa-se o homem falando”. Neste trabalho, observamos a palavra em movimento no espaço digital, especificamente na rede social *Twitter*, considerando as materialidades e as condições de produção entrelaçadas nas discursividades analisadas. De acordo com Orlandi:

As condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação, por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo. (ORLANDI, 2017. p.17)

Portanto, faz-se necessário realizar um batimento entre *sentido lato* e *sentido estrito*, ou seja, (re)pensar as produções de discursividades na esfera digital, no contexto sócio-histórico e ideológico relacionadas à BNCC. Quando a formulação do sujeito é engendrada no espaço digital, como, por exemplo, redes sociais, para a produção e a divulgação de certas discursividades, há discursividades constituindo as condições de produção.

Conforme Orlandi (2011, p. 24), o analista, para trabalhar a língua como materialidade do discurso, “traz para dentro de sua prática o trabalho [...] com o ‘equivoco’, [...] (com) o efeito da falha da língua inscrevendo-se na história”, e ela afirma, ainda, que, “falamos a mesma língua, mas falamos diferente” e que o analista “não pode abrir mão do sentido, que, por sua vez, não está ‘separado’ da sintaxe.”

Destacamos, em conformidade com Orlandi (2015, p. 57), que a AD “não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas real do sentido em sua materialidade linguística e histórica, [...] ele é sempre suscetível de ser/tornar-se outro”; e, com isso, destacamos que há muitas possibilidades de produção de efeitos de sentidos no processo de leitura de determinado discurso.

Orlandi (2017) pondera que o sujeito, para a AD, apresenta uma posição projetada no discurso. Para Freire (2014, p.10), “cada situação de fala põe o indivíduo em uma posição-sujeito. A posição-sujeito é um conceito da AD que se refere ao lugar de onde se fala e se produz sentido.”. Portanto, quando produzimos discursividades, e, neste ponto, pensamos no espaço digital, deixamos marcas da nossa posição-sujeito, ou seja, do nosso lugar simbólico.

Alinhando com o nosso trabalho, a posição-sujeito daqueles que tecem comentários acerca da BNCC no âmbito espaço digital tem importância, pois ele (o sujeito) ocupa um lugar social que não é neutro e que está em constante relação com outras discursividades. De acordo com Orlandi (2017), essas posições não são neutras, mas “se carregam do poder que as constitui em suas relações de força” (ORLANDI, 2017, p. 18).

Continuando nosso (per)curso aos dispositivos teóricos importantes para AD, e consequentemente a este trabalho, iremos tecer considerações acerca da ideologia. Para a Análise de Discurso, a ideologia ganha materialidade no discurso, revelando lugares socioideológicos (posição-sujeito) daquele que diz algo. Segundo Orlandi (2017, p. 20), “a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido. Resta dizer que sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo”.

O sentido não existe por si só, mas é atribuído a partir do funcionamento da ideologia na língua e sua relação com contexto sócio-histórico. A ideologia está presente em todo discurso, conforme viemos destacando neste trabalho. Segundo Pêcheux (1975), não existe discurso sem ideologia e, do mesmo modo, não há sujeito sem ideologia. A AD considera que o indivíduo é interpelado em sujeito por meio da ideologia, construindo uma relação com o mundo através do simbólico.

Não é possível acessar a ideologia de um sujeito de qualquer modo, mas é necessário que ela tenha forma para realizar mo(vi)mentos de análise. Por meio da língua(gem), a ideologia vai ganhando formas, possibilitando ao analista de discurso observar como ela (a ideologia) se manifesta. As formações ideológicas são representadas por formações discursivas.

De acordo com Orlandi (2017, p. 20, grifo nosso),

As palavras, expressões, proposições adquirem seu sentido em referência às posições dos que as empregam, isto é, em referência às informações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. *Chamamos então de formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determina o que pode e deve ser dito.* Portanto, as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas.

Portanto, a formação discursiva se caracteriza pela relação com a ideologia, as posições ideológicas do sujeito reverberam em suas formações discursivas. Foucault (1995, p. 31) levantou uma questão que é relacionada à FD, a saber: como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar? A FD possibilita olhar como a ideologia se materializa nas discursividades produzidas.

A ideologia, por meio da língua(gem), ganha forma nas formações discursivas. Já as FD, valendo-se da ideologia, da conjuntura sócio-histórica, da posição-sujeito, produzem sentido e determinam o que pode e deve ser dito pelo sujeito. Podemos dizer, *grosso modo*, que a FD faz operar um batimento entre o campo das possibilidades lexicais (aquilo que pode ser dito) e a escolha do sujeito (aquilo que é dito), posto que: “O conjunto de formações discursivas, por sua vez, forma um complexo com dominante. Este complexo com dominante das formações

discursivas é o que chamamos de *interdiscurso*, que também está afetado pelo complexo de formações ideológicas.” (ORLANDI, 2017, p.20, grifo nosso). Vejamos, a seguir, as considerações de Pêcheux (2014) sobre o interdiscurso:

[...] propomos chamar interdiscurso a esse “todo complexo com dominante” das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas. Diremos, nessas condições, que o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência de sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (ça parle) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. (PÊCHEUX, 2014, p. 149; grifos do autor)

Portanto, o interdiscurso é constituído de tudo o que já foi dito (pré-construído), esse já-dito está relacionado aos discursos circulados em diferentes momentos históricos e diferentes lugares sociais. O sujeito inscrito no funcionamento do interdiscurso, de forma inconsciente, mostra-se filiado a discursividades. O interdiscurso está alinhavado ao conceito de memória discursiva. A memória aciona as possibilidades do dizer, baseada no já dito. Aprofundarmo-nos ainda mais sobre a memória discursiva mais adiante.

O interdiscurso se intercruza com o intradiscurso. Se o interdiscurso está no plano do já-dito (pré-construído), podemos relacionar o intradiscurso como a atualidade do dizer. Pêcheux ([1975] 2014, p. 154) postula que “o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como tal do ‘exterior’”.

De acordo com Orlandi (2012, p.9),

Os processos de produção do discurso implicam em três momentos igualmente relevantes:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológica mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições.

Portanto, os discursos perpassam por esses três eixos. O interdiscurso está alinhado ao processo de constituição; já o intradiscurso está relacionado ao processo de formulação. O eixo da constituição (já-dito) se cruza com o eixo da formulação (atualidade), constituindo o dizer em circulação.

## 1.2 *Análise do Discurso Digital*

Após realizar um breve (per)curso pelas noções básicas da Análise de Discurso francesa, de origem pecheutiana e orlandiana, iremos discorrer sobre a Análise do Discurso Digital. É importante ressaltar que o termo “Análise do Discurso Digital” não se trata de uma nova análise de discurso, mas sim de uma nova vertente. Se, na Análise de Discurso francesa, o objeto de estudo é o discurso, na Análise do Discurso Digital, o objeto de estudo, como o próprio nome já contempla, é o discurso digital.

Nossa sociedade está imersa em tecnologias de diferentes esferas. Pêcheux (2015[1983]) comenta que o homem desenvolveu pequenos sistemas lógicos portáteis. Esses sistemas vão de uma caneta até um sofisticado *smartphone*. Com o advento da tecnologia esses sistemas foram se ampliando e cada vez mais os indivíduos passaram a se utilizar deles para a gestão cotidiana.

Percebemos que atualmente há essa necessidade de cada vez mais estarmos conectados e de compartilharmos informações de forma rápida. Ao acessarmos a *web*, seja *site* de notícias, seja rede social, passamos a estar em contato com sentidos em dispersão e em unidade que ecoam vozes daqueles que a utilizam. É importante lançar luz à *algazarra do digital* e ao *ruído incessante das teclas*, na expressão utilizada por Orlandi (2018), pois na (des)ordem dessas discursividades, há multiplicidade de efeitos de sentidos.

As teorizações de Dias (2018) foram muito significativas para a escrita deste trabalho, pois a autora se debruçou em tomar o digital como objeto de análise. Grande parte das teorizações que serão apresentadas, nesta seção, parte de momentos de reflexões de seus textos. Dias (2018) salienta que há reverberações nos conceitos da Análise de Discurso, uma vez que o próprio objeto (o digital) demanda novas questões.

Nesta perspectiva, ao longo dos anos tenho refletido em meus trabalhos sobre as transformação que o digital vem produzindo na discursividade do mundo e desde então tenho buscado compreender as consequências históricas, por um lado, e teórico-analíticas, por outro lado, dessa mudança, sobretudo, no que se refere à forma do sujeito, sua constituição e seus processos de subjetivação pelo digital, a saber, as formas históricas de assujeitamento na sociedade digital, mas também a construção do conhecimento em suas formas institucionais e políticas. (DIAS, 2018, p. 20)

Podemos compreender, por meio da citação anterior, a importância de considerar o discurso digital como objeto de análise. Nossa sociedade está cada vez mais se assujeitando (se identificando e se contraindificando) às tecnologias. Os sistemas lógicos digitais estão cada vez mais avançados e, também, interligam o corpo social com o digital, principalmente em relação às redes sociais.

Dias (2016) pondera que o digital produziu, e ainda produz, mudança nas discursividades que circulam nas diferentes esferas, afetando as relações sociais, históricas e ideológicas. Portanto, é necessário analisar o modo como as discursividades ganham sentidos no espaço digital. O digital faz com que o sujeito estabeleça outras relações entre o mundo e o simbólico. Essas relações estão na ordem das múltiplas possibilidades pelas quais o digital se apresenta ao sujeito.

A AD é tão importante para refletir sobre o discurso digital, pois as discursividades que circulam no meio espaço digital “é feita de linguagem e por sujeitos ideologicamente interpelados” (MARIANI, 2018, p. 381). Portanto, a AD contribui, com seus dispositivos teóricos, em lançar luz ao uso das tecnologias pelo corpo social, possibilitando a reflexão sobre as materialidades discursivas que circulam nesse meio.

Aludimos, na seção anterior, que a produção do discurso implica três momentos, a saber: constituição, formulação e circulação. De acordo com Orlandi (2017), o eixo da constituição se cruza com o eixo da formulação, dessa maneira constituindo a circulação. Mas será que no discurso digital os processos para formulação do discurso ocorrem do mesmo modo? De acordo com as teorizações de Dias (2018), há a existência dos três processos/momentos de formulação do discurso, porém a circulação ganha destaque no espaço digital. Segundo Dias (2018, p. 43), “o elemento da circulação se sobressai ao da formulação e ao da constituição nos processos de produção dos discursos e do conhecimento, pela maneira como a noção de informação se discursiviza em nossa sociedade”. A circulação, nos processos do discurso digital, ganha o papel de “ângulo de entrada”.

Segundo Dias (2018, p. 29), “é pela circulação (compartilhamento, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, link...) que o digital se formula e se constitui.”. Portanto, “o discurso digital se formula ao circular” (DIAS, 2018, p. 29). A circulação produz mudanças nos processos de formulação e de constituição, pois, a depender dos dispositivos, dos aplicativos e do *site* a circulação do discurso ocorre de um modo, fazendo com que o sujeito (re)pense como constituir e formular seu discurso.

Vale destacar que a circulação, sendo “ângulo de entrada” nos processos de produção do discurso digital, não estabelece relação de anterioridade em relação ao eixo de formulação e de constituição, mas uma mudança de perspectivas (DIAS, 2018). Conforme Dias (2018, p. 29), “olhar o processo de produção dos discursos pela via da circulação tem a ver com um sentido que se produz no efêmero, no agora”.

Um das especificidades do espaço digital é sua efemeridade. Em um mundo globalizado, as informações são constantes, provocando um transbordamento de dados que

provoca uma relação entre passado e atualidade. Uma formulação pela manhã pode ser atual; após horas, surgem novas formulações que fazem o que era atual se tornar ultrapassado. Nas redes sociais, observamos esses movimentos com mais celeridade, a cada atualização da rede novas postagens surgem, provocando sempre um movimento de (re)atualização.

### ***1.3 Memórias: Discursiva, Metálica e Digital***

Nesta seção, teceremos considerações sobre o papel da memória para Análise de Discurso, iremos nos aprofundar em três tipos de memória, a saber: Memória Discursiva, Memória Metálica e Memória Digital. Observamos suas diferenças, intercruzamentos e qual a sua importância para a produção de sentidos.

Quando pensamos, em um primeiro momento, em memória, normalmente fazemos referência a algo que ocorreu no passado, ou seja, um conjunto de recordações que um sujeito possui. Entretanto, para a AD, a memória deixa de ser pensada no senso comum. Pêcheux (1999) relaciona memória a uma estruturação do discurso, uma vez que a memória (discursiva) está diretamente ligada às condições sócio-histórico e ideológicas. Vejamos, a seguir, as considerações de Romão e Gaspar (2008, p.7, grifo nosso):

Recuperar a memória e arquivo faz-nos reconhecer que **o discurso não nasce no momento da sua enunciação**, tampouco brota no sujeito como se ele fosse a fonte originária de todos os sentidos, mas que **ele é atravessado pela historicidade**, pela possibilidade de ser outro, pelos deslocamentos dados pelas **condições de produção**, o que implica considerar a **exterioridade** e a **ideologia**.

Como comentado anteriormente, o sujeito não é a origem do seu discurso, mas há vários atravessamentos sócio-históricos e ideológicos que afetam seu dizer. Esses atravessamentos estão alinhavados com a memória discursiva, uma vez que esta está relacionada às memórias coletivas que reverberam na sociedade.

A memória discursiva está no campo do já dito, algo que já foi falado e se instaurou na coletividade. Deste modo, a memória discursiva não está no campo das lembranças, mas sim de acontecimentos anteriores ao mo(vi)mento do dizer que produz efeitos de sentidos naquilo que está sendo (re)produzido. De acordo com Ferreira (2008), os sentidos são os responsáveis por fazer uma “amarração” da teia fragmentada que é a linguagem,

[e] nessa tessitura vai comparecer a **memória**, operando na montagem dos múltiplos fios, nossos e alheios; fios remendados, cheios de nós, por vezes, rompidos, por vezes saturados. Por isso a linguagem, como *tecido da memória*, na expressão empregada por Courtine (1994), se apresenta como aquilo que ora se costura, ora se esgarça, se gasta, se esburaca... (FERREIRA, 2008 p.13, grifo da autora)

Portanto, a memória discursiva está em circulação na sociedade, uma vez que esta memória se fixa no corpo social por meio da circulação. Tal memória está em constante relação com as formações discursivas, a memória ora “se costura, ora se esgarça, se gasta, se esburaca” (FERREIRA, 2008 p.13). Para melhor compreensão, mobilizamos um exemplo: quando pensamos no lexema “família”, as formações discursivas que circulam hoje em nossa sociedade são diferentes e (re)atualizadas em relação as que circulavam há décadas. Não era aceita que uma família fosse constituída de duas pessoas do mesmo sexo, anteriormente família era formada apenas por casais heterossexuais.

A memória discursiva opera nessas relações entre (re)atualização de formações discursivas. Se, hoje<sup>5</sup>, há pessoas que concebem a instituição “família” por apenas casais heterossexuais, é porque a memória discursiva/formação discursiva ganhou evidência e reverbera até os dias atuais. Do mesmo modo, se há uma aceitação, jurídica e por certos segmentos da sociedade, de que “família” pode ser constituída por pessoas do mesmo sexo é pelo motivo de que essa memória discursiva ganhou força e se instaurou em um corpo-sócio-histórico-cultural.

Assim sendo, a memória discursiva está no movimento de (re)estruturação dos discursos, provocando um deslocamento no seu espaço. Orlandi (2017) relaciona a memória discursiva ao interdiscurso, pois ela é constituída de formulações que já foram feitas em determinado momento sócio-histórico. A autora salienta que “todo dizer se acompanham de um dizer já dito e esquecido que o constitui em sua memória” (ORLANDI, 2007, p. 25). Portanto, a memória discursiva é aquela que se fixa nas formações discursivas por meio do interdiscurso.

Em relação à memória metálica e à memória digital, é importante ressaltar que as discussões e conceituações são recentes. A conceituação de memória metálica foi desenvolvida pela Eni Orlandi, em 1996. Orlandi (2020) discorre sobre a diferença entre memória discursiva (memória histórica/interdiscurso) e memória metálica (formal). De acordo com Orlandi (2020),

Um texto produzido em computador e um texto produzido a mão são distintos em sua ordem **porque as memórias que os enformam são distintas em suas materialidades: uma é histórica e a outra formal.** A memória metálica (formal) “lineariza”, por assim dizer, o interdiscurso, reduzindo o saber discursivo a um pacote de informações, ideologicamente equivalentes, sem distinguir posições. O que produz o efeito de onipotência do autor e o deslimite dos seus meios (a memória metálica, a infinidade de informações). (ORLANDI, 2020, p. 15)

Em consonância com a citação anterior, as memórias são distintas, pois suas materialidades também são. A memória discursiva, ou interdiscurso, está alinhavada ao já dito e ao esquecimento,

---

<sup>5</sup> A Constituição Brasileira, por meio do Supremo Tribunal Federal (STF), reconhece a união homoafetiva como um núcleo familiar desde 2011.

constituindo-se como memória histórica. Já a memória metálica é aquela produzida pelas tecnologias (televisão, computador, celular, outros).

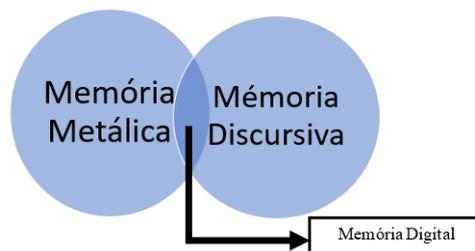
A memória metálica, de acordo com Orlandi 2010, não se constitui pela historicidade, mas sim pelas tecnologias. Tal memória se institui pelo acúmulo de dados por meio da algazarra que o digital oferece. Portanto, nos mo(vi)mentos de circulação de informações que a tecnologia ocasiona, a memória metálica vai se alimentando da (re)produção e da repetição de dados.

A memória discursiva é constituída pela memória histórica, pelo esquecimento, tem relação com o já dito e com a exterioridade. Já a memória metálica é constituída pelas novas tecnologias, pela quantidade (excesso de dados), tem sua memória saturada, portanto, não esquece. A memória discursiva está alinhavada, principalmente, no campo da constituição de sentidos, já a memória metálica se constitui pela circulação.

Nessa medida, a memória metálica está em constante relação com a circulação, quanto mais postagem/publicação melhor. Essa memória produz um efeito de memória infalível, no sentido de que tudo está disponível a qualquer hora e a qualquer momento. Por exemplo, na rede social *Twitter*, basta colocar uma palavra chave na busca e iremos ter acesso às postagens sobre aquele tema. Desse modo, produz um efeito de transparência e de acúmulo de informações.

Quanto à memória digital, essa noção foi proposta recentemente por Dias (2018). A autora constitui essa memória na inter-relação com as outras (discursiva e metálica). Dias (2018) comenta que a memória digital se constitui por aquilo que escapa da memória metálica e se instaura na história. Portanto, a memória digital nasce na interseção da memória metálica e da memória discursiva. Vejamos, a seguir, o esquema que representa essa relação.

**Esquema 1** – Relação da memória digital com a memória discursiva e metálica



Fonte: elaboração própria.

A memória digital está diretamente ligada à memória metálica, pois surge por meio das tecnologias de linguagem. A diferença entre elas é que a memória digital acaba se transformando em acontecimento discursivo. De acordo com Orlandi (2018), a memória digital se instala na

memória discursiva, ou seja, na história, tornando-se um furo e uma resistência que escapa da memória metálica.

Levando em consideração as contribuições de Dias (2016), compreendemos que o discurso digital se constitui na algazarra das tecnologias, ou seja, constitui-se por uma memória metálica. Entretanto, no âmbito dessa algazarra há discursos que escapam ao movimento de (re)atualização e de (re)produção, constituindo um acontecimento, o que é denominado de memória digital. Portanto, a memória digital encontra-se no intercruzamento entre a saturação (excesso) e interdiscurso.

## 2 Discursividade acerca da BNCC no espaço digital

*[...] “Isso circula” como adquirimos o hábito de dizer, fazendo dessa circulação a imagem positiva de nossa modernidade discursiva liberada ou, ao contrário, a falsa moeda de línguas de vento; os turbilhões esfumaçados do “não importa o quê” destinados a chamar a atenção, desviando-a “dos problemas reais”. Não é tempo de destituir essa imagem duplamente complacente da circulação, constatando o fato de que as circulações discursivas nunca são aleatórias, porque o “não importa quê” não é nunca “não importa quê”?*

(PÊCHEUX, 2016, p. 28)

Nesta seção, vamos apresentar as nossas incursões no material analítico, levando em consideração o batimento entre objeto de análise e dispositivos teórico-metodológicos. Conforme já destacado, neste trabalho, o nosso objeto de análise se refere às discursividades produzidas no espaço digital, mas especificamente na rede social *Twitter*, sobre a BNCC por duas instituições (UBES – MEC). Para tanto, partiremos dos seguintes dispositivos teórico-analíticos que darão sustentação a nossa análise: Formações discursivas; pré-construído; tomadas de posição/posição sujeito.

Retomando a epígrafe desta seção, estamos sempre em contato com “turbilhões esfumaçados do ‘não importa o quê’ destinado a chamar atenção” (PÊCHEUX, 2016, p. 28). Esses turbilhões de informações constituem o espaço digital, afetando o sujeito e o modo de formular e de circular o discurso.

Pêcheux (2016) comenta que as circulações discursivas não são aleatórias, faz-se necessário analisar essas circulações discursivas e observar seus efeitos de sentidos, uma vez que o modo de formular e de circular acontece de outra ordem no espaço digital. Nossa proposta, para este trabalho, está circunscrita nessa circulação, principalmente no que diz respeito à circulação de discursos digitais postados por instituições públicas acerca da BNCC.

As instituições públicas estão presentes nas redes sociais pelo motivo de cada vez mais crescer o número de usuários. Para se aproximar de uma parcela da sociedade, as instituições começam a criar seus perfis e interagir com as outras pessoas logadas. Esse processo de contato ocorre, a depender do objetivo de cada instituição (podendo ser apenas para fim de divulgação de informações oficiais até a organização de manifestação).

Observaremos, a partir do nosso *corpus*, as redes de filiações presentes nas materialidades publicadas, sem deixar de lado as tomadas de posições via formações discursivas. Posições essas que provocam uma algazarra no digital (e fora dele) no corpo social. Cada uma dessas instituições discursiviza materialidades, buscando construir um efeito de verdade sobre o que é abordado. Além de considerar o discurso em si, faz-se necessário lançar luz ao próprio digital e suas especificidades, uma vez que os discursos que circulam nas redes sociais são afetados/atravessados pela máquina.

Para uma postagem ganhar destaque nas redes sociais, entre toda a algazarra que lhe é constitutiva, é necessário que haja circulação, por esse motivo há diariamente uma profusão de vozes que circulam no meio digital. E, por haver uma saturação de informações, é necessário que os discursos circulem bastante para ganhar evidência na sociedade. Se algo não circula em grande quantidade, não atinge um grande número de pessoas, as instituições não ganham visibilidade, o que não é positivo.

Como ponderamos, na seção metodológica, a análise terá como ponto de partida os recortes dos tuítes selecionados. Buscaremos alinhar nosso *corpus* às condições de produção que circundam a constituição e homologação da BNCC. Apresentaremos, nas próximas subseções, nosso mo(vi)mento de análise.

### ***2.1 Análise dos tuítes da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas***

Demonstraremos, a partir das formações discursivas e do pré-construído, as tomadas de posição da UBES referentes aos tuítes em destaque que tematizam a BNCC. Por meio de um Recorte Discursivo (RD), iremos destacar o modo como esta instituição, a partir de uma memória social atravessada pelo digital, discursiviza o arquivo. A partir desses mo(vi)mentos, podemos observar uma possível (des)ordem discursiva sobre a BNCC.

Iniciaremos nossa análise enfocando o tuíte que aparece em primeiro lugar nos destaques da rede social. Veremos que a materialidade do tuíte é constituída de linguagem verbal e não-verbal, ou seja, há a presença de uma digitabilidade, para usarmos as palavras de Dias (2016). Observaremos os diferentes formatos (*hashtag*, *gif*, imagens, textos, *emoji* etc) que são

constitutivos dos tuítes, uma vez que não há uma justaposição entre esses elementos. Trabalhamos com a perspectiva de que há entre essas possibilidades de materialização uma opacidade. Vejamos, a seguir, o RD1 com tuíte postado no dia 29 de maio de 2018.

**Figura 1 – Recorte Discursivo 1**



Fonte: Captura de tela da rede social.

Ressaltamos que os textos verbal e não verbal estão fortemente imbricados, não havendo uma sobreposição de um em relação ao outro. Entretanto, para fins de análise, faz-se necessário contemplar, em apelo ao método de exposição, um e depois o outro. Posteriormente, faremos a relação entre esses dois tipos de materialização textual (verbal e não-verbal), pois ambos produzem efeitos de sentidos no digital ao mesmo tempo.

Em primeiro momento, iremos nos direcionar ao texto verbal, separando-o por períodos sintáticos no formato de sequência discursiva. Na primeira sequência discursiva (SD1), temos: “No último sábado (26), secundas ocuparam as ruas em Guarapuava (PR)”. A partir da SD1, podemos ver em funcionamento o pré-construído de que:

- Ocorreu ocupação das ruas de Guarapuava (PR).
- Essa ocupação, por vezes, pode ser organizada por estudantes.
- Entre a classe de estudantes, que realizam ocupação de rua, estão os secundaristas.

Alicerçado à rede de memória discursiva, mobilizado por diferentes FD, os secundaristas, por meio de marcas linguísticas/estilísticas, deixam evidenciar posições-sujeito. Há textualmente,

na SD1, a demarcação de um lugar social apresentada pelo termo “secundas”. Essa nomeação é utilizada para abreviar a palavra “secundaristas”, para representar alunos do ensino fundamental, do ensino médio, do ensino técnico e do ensino pré-vestibular. Grupo este que é diretamente afetado pelas (re)formulações produzidas e em circulação, a saber: as discursividades oficiais educacionais.

Assim sendo, partindo da SD1, é possível entrever que a UBES inscreve-se, em pelo menos, duas posição-sujeito, a saber: (1) estudante, uma vez que marca textualmente sua posição “secunda”; (2) militante, por se posicionar socialmente contra um determinado arquivo (posicionamento este que pode ser observado por meio da marca linguística evidenciada na materialidade: “ocuparam”). Portanto, há em cena uma FD de resistência estudantil.

No jogo discursivo, empreendido pela UBES, a FD a qual está filiada determina o que pode ser dito no fio discursivo. Como, por exemplo, a utilização do lexema “ocuparam” ou invés de “invadiram”. As manifestações nas ruas representam um lugar simbólico de poder e de resistência da nossa sociedade, sendo cada vez mais recorrentes.

A SD1 possibilita a produção desse efeito de sentido, em que há um grupo de estudantes que estão ocupando um espaço público objetivando realizar algum tipo de protesto. A palavra “ocupação” faz-nos acionar outras formações discursivas, em relação ao pré-construído, que se relaciona ao discurso de poder e de resistência. Como já abordado na primeira seção, as escolhas lexicais não são feitas de qualquer forma, mas há um atravessamento ideológico/histórico (interdiscursivo).

Observamos que para esse grupo há uma direção de sentido em relação à palavra “ocupação”, pois para eles não se trata de invadir, mas sim de ocupar algo que é de todos. A ocupação de rua é bastante significativa para nossa sociedade, pois em manifestações são utilizadas ruas principais/centrais da cidade, provocando uma paralisação temporária da circulação de veículos. Para além disso, manifestações no centro da cidade fazem com que a manifestação ganhe mais evidência, pois há grande circulação de pessoas.

Com base nesse primeiro período, podemos observar uma discursividade que provoca, em certa medida, uma (des)ordem social. Se será ordem ou desordem vai depender da posição sujeito em que cada um se encontra. Do ponto de vista dos Aparelhos Ideológicos do Estado, é provável que essa manifestação esteja no campo da desordem, pois vai de encontro a seus interesses.

É necessário ressaltar a importância do espaço digital para manifestações nos dias atuais, uma vez que o discurso digital é nosso principal objeto de análise. Dias (2018) considera que o digital está relacionado à significação do urbano. De acordo com a autora, as atividades dos

sujeitos, nas cidades, estão alinhavadas ao digital e suas várias manifestações (câmeras de segurança, aplicativos para locomoção e outros). Muitos usuários utilizam o *Twitter* com objetivo de organizar manifestação nas ruas, pois a rede social possibilita maior circulação de informações.

Passaremos para a SD2, vejamos: “Estudantes de 7 colégios realizaram uma manifestação contra a BNCC, contra a intervenção militar e pedindo que os envolvidos na operação Quadro Negro sejam presos. 🙌 🙌 🙌”. A Operação Quadro Negro é o nome dado a uma investigação, realizada pelo Ministério Público do Paraná<sup>6</sup>, que tem como objetivo apresentar os desvios de dinheiro público destinado à Secretaria de Educação do Estado. A partir da SD2, podemos ver em funcionamento o pré-construído de que:

- Há organizações estudantis que são contra a BNCC.
- Pelo menos estudantes de 7 colégios, do município de Guarapuava (PR), são contra a BNCC.
- Há pessoas que são a favor da intervenção militar.
- Os secundaristas, desta manifestação, são contra a intervenção militar.
- Houve uma operação intitulada “Quadro Negro”.
- Todos os envolvidos da operação “Quadro Negro” não foram presos.
- Os secundaristas são a favor da prisão dos envolvidos na operação “Quadro Negro”.

Partindo do movimento discursivo, apresentado na SD2, é possível conjecturar as seguintes posições-sujeito empreendida por meio da FD: (1) realizar manifestação contra a BNCC; (2) realizar manifestação contra a intervenção militar; (3) solicitar prisão dos envolvidos na operação Quadro Negro.

A SD2 trata-se de uma afirmação sobre quais são as pautas da manifestação. Primeiramente, os estudantes (re)afirmam posição contrária à BNCC. Ressaltamos que neste período ainda não havia sido homologada a versão do Ensino Médio (Cf. Quadro 1). Portanto, eram frequentes as manifestações que se posicionavam contrárias à sua criação. Outro ponto está relacionado à intervenção militar. Circulava (e ainda circula) muitos discursos relacionados à volta do regime militar ao poder. No período que antecedeu e posterior ao golpe de 2016, houve muitas manifestações a favor da intervenção militar. Além dessas pautas, havia a solicitação de prisão aos envolvidos na operação “Quadro Negro”.

---

<sup>6</sup> “Iniciada em agosto de 2015, trata de um grande caso de corrupção ativa, peculato e desvios de verbas públicas ocorridos no âmbito da Secretaria de Estado da Educação (Seed), especificamente por meio da Superintendência de Desenvolvimento Educacional (Sude), entre os anos de 2012 e 2015. As investigações demonstraram o conluio entre agentes públicos e privados para fraudar laudos de medições e viabilizar o pagamento antecipado de obras de construção, reforma ou ampliação de escolas sem a efetiva contrapartida, ou seja, sem a real execução das obras contratadas.” (MINISTÉRIO PÚBLICO DE PARANÁ) - <https://comunicacao.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=40>

A SD2 apresenta uma gradação (manifestação contra a BNCC → manifestação contra a intervenção militar → pedido de prisão dos envolvidos na operação Quadro Negro) em série em que a BNCC é significada no mesmo estatuto de equivalência de intervenção militar e esquema de corrupção. Essa SD apresenta características próprias do digital, uma vez que em um pequeno espaço de caracteres faz-se necessário apresentar muitas formulações, abordar vários temas em pequeno trecho. É possível que esta formulação ganhasse uma formulação mais densa se divulgada em outro espaço digital (ex.: *site* oficial da UBES).

Pensando na data de realização da manifestação pelos estudantes, dia 26 de maio de 2018, neste período estava ocorrendo a greve dos caminhoneiros<sup>7</sup>. Tal greve paralisou o país, uma vez que a circulação de alimentos, o abastecimento de combustíveis e a circulação e distribuição de insumos diários foram afetados. Houve uma grande mobilização da classe para a intervenção militar.

Portanto, no dia 26 de maio de 2018, os estudantes, além de se posicionarem contra a BNCC, também se posicionaram contra a solicitação de intervenção militar. Mesmo tendo no poder um governo fruto de um golpe de estado, havia o desejo por parte dos estudantes de que não houvesse mais um retrocesso com a implementação do regime militar.

O outro ponto abordado pelos secundaristas é a solicitação de que “os envolvidos na operação Quadro Negro sejam presos. De acordo com a investigação, foram desviados cerca de R\$ 20 milhões de reais, segundo o Ministério Público, pelo então governador e seus aliados.

Podemos observar, a partir dessa breve análise, que as discursividades analisadas até aqui estão intrinsecamente relacionadas às condições de produção. Todos os acontecimentos (discussões sobre a BNCC, protesto a favor da intervenção militar e investigação no Paraná) afetaram a constituição deste tuíte. Isso porque a posição sujeito dos secundaristas vai ao encontro desses temas. Os acontecimentos discursivos afetam diretamente o que circula no digital.

Seguindo nosso mo(vi)mento de análise, podemos identificar a presença de *emoji* na postagem, representando três braços (👊👊👊). Podemos alinhar esses braços à representação de força/luta, buscando estabelecer efeito de sentidos relacionado à luta contra a BNCC, contra intervenção militar e o sucateamento da educação por meio de desvio de dinheiro. A UBES e outros movimentos estudantis estão em constante relação de luta contra o sistema educacional, social e político que fazem parte. Portanto, alinhavamos o uso deste *emoji* a uma possível representação de resistência.

---

<sup>7</sup> A greve ocorreu entre os dias 21 de maio e 1 de junho de 2018.

Podemos observar também a presença de duas *hashtag*, a saber: “#EmDefesaDaEducação” e “#ContraIntervenção”. No *Twitter* a *hashtag* funciona como um *hiperlink* (hiperligação) que reúne todas as publicações que abordam o mesmo tema. Portanto, ao clicar nas *hashtags* dessa publicação, o usuário é redirecionado para uma página em que se apresentam todas as outras publicações que utilizaram a mesma *hashtag*.

Além de reunir publicações, a *hashtag* possibilita maior visibilidade à temática debatida, uma vez que, replicada várias vezes, ela pode entrar nos *trending topics* (assunto do momento). Quando o tema ocupa um lugar nos *trending topics*, torna-se mais visível e, por sua vez, circula muito mais.

Após focar os elementos verbais presentes no tuíte, passaremos para o texto não verbal. Portanto, recorreremos ao tuíte para focalizar nos elementos presentes na imagem e estabelecer possíveis relações com texto verbal e com as condições de produção em que a imagem está inserida.

Em um primeiro momento, podemos observar a presença de três bandeiras, a saber: bandeira do Brasil; bandeira da União Nacional dos Estudantes (UNE); e bandeira da UBES. A bandeira da UNE e da UBES aparece parcialmente, mas é possível reconhecê-las. Essas duas instituições (UNE E UBES) são bastante alinhadas e organizam atividades em parceria. Havendo uma organização tencionando os interesses dos estudantes em nível nacional.

Além da bandeira do Brasil, é possível perceber que alguns estudantes utilizam adesivos com as cores da bandeira. Em 2018, o uso da bandeira era utilizado para marcar patriotismo, pretendendo representar que a luta se dava em favor do país e que ele é de todos. Alguns meses após essa manifestação, o uso da bandeira e as cores do Brasil, infelizmente, foram ressignificados por um grupo social orientado ideologicamente por outra FD conservadora, sendo utilizados para marcar os simpatizantes do então candidato à presidência Jair Bolsonaro. Possivelmente, se essa manifestação ocorresse em outra data a bandeira não estaria presente, isso mostra que as condições de produção são tão importantes para os gestos de leitura.

A partir do RD1, é possível observar a presença de pelo menos quatro cartazes com a seguinte formulação: “FORA TEMER!”. Além dessa formulação, é possível observar que há a foto do então presidente Temer em preto e branco. Podemos perceber que há outra tomada de posição que não foi citada no corpo do tuíte, marcando aí uma opacidade da linguagem. A imagem reforça a posição contrária dos estudantes em relação ao então presidente que chegou ao cargo após o golpe de 2016. A formulação “FORA TEMER!” em letras maiúsculas e com acento de exclamação contribui para produzir um discurso de ordem.

Retomando o RD1, é possível inferir, levando em consideração principalmente aspectos constituintes da linguagem não verbal, que a ocupação ocorre no centro da cidade, uma vez que fica evidente na imagem às várias fachadas de lojas e os semáforos que demonstram que há uma circulação intensa de pessoas e veículos. Elementos esses que são constituintes dos centros urbanos. Essa construção de sentido ocorre pelo batimento do verbal (ocuparam “as” ruas) e não verbal (imagem anexada no tuíte), dito de outro modo, a digitabilidade evidencia sentidos a partir de sua materialização no digital.

Após esse breve mo(vi)meto de análise, podemos observar as tomadas de posição dessa instituição marcada por uma memória discursiva que afeta diretamente o que é dito e como é dito. Ao longo dessa análise, tivemos que realizar um mo(vi)meto de acionar aspectos da memória discursiva para lançar luz às materialidades presentes na memória metálica/digital.

Compreendemos, por meio do RD1, que o digital é afetado pela memória social. Faz-se necessário considerar as condições de produção do tuíte para conseguir compreendê-lo. Esse tuíte faz trabalhar o efeito de sentido de que a UBES está diretamente filiada a posicionamentos políticos e ideológicos que vão de encontro ao Governo Federal e ao Governo Estadual, ou seja, vai de encontro aos Aparelhos do Estado (aqui representado pelo MEC).

Ao analisar esse recorte discursivo, podemos compreender parte do funcionamento do discurso metálico em que há uma certa urgência em se falar de tudo e ao mesmo tempo falar de forma reduzida. Portanto, em um tuíte (RD1), são abordadas várias temáticas que visam produzir um discurso de ordem contra algumas situações políticas, a saber: 1) contra a homologação da BNCC; 2) contra intervenção Militar; 3) contra o esquema de corrupção no governo do Paraná; 4) contra o então presidente Michel Temer.

O digital possibilita, e às vezes exige por meio de seus algoritmos, que os usuários condensem suas informações de forma a transmitir diversas informações em uma única postagem. A utilização de *emoji* é um exemplo, ao utilizar desse recurso para chamar a luta contra as temáticas abordadas, o usuário “economiza” discursivamente aquilo que no verbal exigiria mais espaço no digital para convocar os sujeitos às lutas. Portanto, as discursividades instauradas no espaço digital, afetados pela discursividade no digital que é constitutivo deste espaço, faz com que as materialidades discursivas sejam estruturadas em uma normatividade linguística-tecnológica (Cf. DIAS 2004). No caso desse primeiro RD, há um enredamento dos acontecimentos históricos provocando efeito de condensação.

## 2.2 Análise dos tuítes do Ministério da Educação

Nesta subseção, iremos abordar as discursividades produzida pelo MEC sobre a BNCC e circulada na rede social *Twitter*. Como já mencionado, iremos realizar movimentos de análise de um RD apresentado em destaque pela rede social já mencionada. Analisaremos essas discursividades observando o funcionamento da memória social, que é atravessada pelo discurso digital, e posição-sujeito projetada no tuíte.

As discursividades produzidas pela UBES, analisadas neste trabalho, estão diretamente ligadas à proposta do MEC acerca da BNCC. Portanto, é importante observar como o MEC, por meio das postagens, produz discursividades sobre o arquivo e suas relações com as já analisadas.

Vejamos, a seguir, o RD2 com tuíte postado no dia 22 de novembro de 2021.

**Figura 2 – Recorte Discursivo 2**



Fonte: Captura de tela da rede social.

Em primeiro momento de análise, em apelo ao método de exposição, iremos nos direcionar ao texto verbal apresentado no corpo do tuíte. Na SD3, temos: “O Novo ensino Médio permitirá que cada estudante descubra suas potencialidades e realize escolhas conforme seus interesses e sonhos, seja para dar prosseguimento aos estudos no ensino superior ou para aprender uma profissão e atuar no mundo do trabalho.”. A partir desta SD3, podemos observar e, funcionamento o pré-construído de que:

- Havia um “antigo” ensino médio, que precisa ser superado frentes as discursividades que são atribuídas ao novo ensino médio,
- Com o “Novo” ensino médio os alunos poderão descobrir suas potencialidades e realizar escolhas que, provavelmente, não poderiam no “antigo” ensino médio.

- Os interesses e sonhos dos alunos serão o ponto principal para desenvolver suas potencialidades e realizar seus sonhos.
- Os interesses/sonhos dos alunos deverão estar alinhados a ingressar no ensino superior ou no mundo do trabalho.

Deste modo, tomando a materialidade da SD3 é possível conjecturar as seguintes posições-sujeitos empreendida por meio da FD oficial: (1) o novo ensino médio deve estimular os alunos a descobrirem suas potencialidades e fazê-los escolherem suas metas; (2) é necessário que os interesses dos alunos para o futuro, após o ensino médio, estejam alinhados a educação (ensino superior) ou ao mundo do trabalho.

A ocorrência do lexema “novo”, relacionado ao ensino médio, produz efeitos de sentidos que há um antigo ensino médio ultrapassado, no sentido de precisar vir um novo ensino médio para construir novas discursividades. Entre essas discursividades, marcadas no tuíte, designada ao novo ensino médio, podemos destacar: descobrir potencialidades; realizar escolhas; seguir seus interesses e sonhos; ser protagonista da sua própria história (presente na imagem anexada no tuíte). O MEC, em seu site oficial, define o que é o Novo Ensino Médio.

A Lei nº 13.415/2017 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade a todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade. (MEC, 2022, s/p, grifo nosso)<sup>8</sup>

Vejamos, a seguir, a definição produzida pelo MEC sobre itinerário formativo:

Os itinerários formativos são o conjunto de disciplinas, projetos, oficinas, núcleos de estudo, entre outras situações de trabalho, que os estudantes poderão escolher no ensino médio. Os itinerários formativos podem se aprofundar nos conhecimentos de uma área do conhecimento (Matemáticas e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) e da formação técnica e profissional (FTP) ou mesmo nos conhecimentos de duas ou mais áreas e da FTP. As redes de ensino terão autonomia para definir quais os itinerários formativos irão ofertar, considerando um processo que envolva a participação de toda a comunidade escolar. (MEC, 2022, s/p, grifo nosso)<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas#:~:text=Os%20itiner%C3%A1rios%20formativos%20s%C3%A3o%20o,poder%C3%A3o%20escolher%20no%20ensino%20m%C3%A9dio>

<sup>9</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/publicacoes-para-professores/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio->

Portanto, está em funcionamento uma FD oficial que põe em circulação, pelo digital, pré-construídos que buscam ressignificar o antigo ensino médio. As discursividades apresentadas na SD3 vão de encontro às discursividades produzidas pela UBES. Os itinerários formativos são ofertados (escolhidos) pela própria instituição de ensino, ou seja, a escola define se ofertaria itinerário x ou y. Essa oferta está relacionada aos docentes, eles a partir de sua área de formação ofertariam tais itinerários. Entretanto, muitos colégios, principalmente da escola pública, não contêm docentes de todas as áreas de conhecimento (principalmente da área de exatas), assim sendo, poderia ocorrer uma defasagem em determinada esfera de conhecimento.

Além disso, havia preocupação de que os alunos não tivessem conhecimentos básicos de determinada área de conhecimento, uma vez que o estudante pode realizar suas “escolhas” evitando determinados componentes curriculares. Aliás, há de se considerar que a escolha dos alunos fica condicionadas às ofertas das escolas. Já no “antigo” ensino médio, o aluno teria que fazer essas disciplinas mesmo não havendo uma identificação com a área de conhecimento. Portanto, as discursividades produzida pela UBES produzem fissuras/dispersão nas discursividades presentes no tuíte do MEC.

Após focar os elementos verbais presentes no tuíte, passaremos para o texto não verbal. Começaremos comentando sobre a presença de um jovem negro no primeiro plano da imagem. O MEC realiza a divulgação apresentando um estudante negro com objetivo produzir efeito de diversidade. O jovem, aparentemente, está em uma escola tomando como referência o espaço que está em segundo plano.

Ao centro da imagem, está escrito “novo ensino médio”. O lexema “novo” está grafado em amarelo e em fonte distinta do “ensino médio”, este grafado em letras maiúsculas e com cor branca. A digitabilidade permite que haja produção/formulação de forma distinta do verbal presente no corpo do tuíte. Portanto, a materialização das discursividades por meio da digitabilidade ocorre de múltiplas formas.

Na parte inferior da imagem há a seguinte formulação: “seja protagonista de sua história”. A BNCC tem como proposta estimular os alunos a desenvolverem suas “pontecialidades” com o objetivo de poderem tomarem suas próprias decisões, como realizar escolhas educacionais de acordo com seus interesses. Podemos inferir, por meio desta formulação, que o público-alvo da

---

[duvidas#:~:text=Os%20itiner%C3%A1rios%20formativos%20s%C3%A3o%20o,poder%C3%A3o%20escolher%20no%20ensino%20m%C3%A9dio.](#)

postagem são os alunos, até pelo uso do pronome “sua” que se relaciona aos alunos (pois, esses são os protagonistas).

Portanto, o protagonismo está relacionado ao aluno que está no centro das escolhas, de acordo com a oferta da escola, podendo direcionar seus estudos. Ao formular que a partir do novo ensino médio os alunos poderão ser protagonistas da própria história, produz efeitos de sentidos que no antigo ensino médio os alunos não desempenhavam papel de protagonismo.

No canto superior direito, há a seguinte formulação “Breve em escolas de todo o país” e, em seguida, a representação de cinco estrelas. Esses elementos contribuem para construção de sentido de divulgação, assemelhando-se a cartaz de um filme. “Breve em escolas de todo o país” relaciona-se a “Breve em todos os cinemas do país”. Essa relação pode ser feita para buscar produzir uma mensagem dinâmica e atrativa para os alunos, uma vez que esse é o público-alvo da postagem. É apresentando, também, o site do MEC para aqueles que quiserem obter mais informações sobre o novo ensino médio.

Deste modo, o MEC buscou, por meio dessa postagem, direcionar os efeitos de sentidos na tentativa de evitar que houvesse dispersão por parte do leitor/internauta. Entretanto, observando as postagens da UBES podemos identificar vários pontos de dispersão, principalmente por abordar várias temáticas em cada um dos tuítes.

### **Considerações finais**

*[...] o sujeito, num determinado período de tempo, ocupa concomitantemente dois espaços distintos: o espaço físico concreto-material e o espaço digital.*

*(MASSMANN; BARROS, 2013, p.93)*

Ao longo deste trabalho, buscamos analisar os efeitos de sentidos produzidos no espaço digital sobre a BNCC. Para tanto, recorreremos a duas categorias públicas (MEC – UBES) que estão fortemente relacionadas com este arquivo. Para realização da análise, empreendida na seção anterior, nos filiamos à teoria da AD francesa, formulada por Michel Pêcheux, e sua vertente Análise do Discurso Digital.

Partindo dos tuítes postados pela UBES, podemos identificar a profusão de vozes, ou melhor, diferentes formações discursivas, como, por exemplo, FD escola, FD militante e FD alinhada à resistência. Realizando o batimento entre o verbal e o não verbal, podemos evidenciar a opacidade em funcionamento, onde o verbal produz certos efeitos de sentido e o não verbal outros. Além disso, observamos a digitabilidade em cena, em que nas postagens a categoria mobilizou diferentes formatos digitais (ícones/*emoji*, imagens, texto, hashtag).

Em âmbito geral, podemos observar que a UBES se posicionou de forma contrária à implementação da BNCC, ou seja, rejeita a proposta feita pelo MEC. Essa não aceitação (rejeição) faz com que essa categoria produza discursividades que estão no campo da desordem (pensado pelo posição-sujeito do MEC). A categoria utiliza o espaço digital para realizar mobilizações e manifestações contrárias ao governo da época e, também, contra o MEC. Em suas postagens é possível evidenciar dispersões de sentidos, pois havia muitas temáticas abordadas que fazem com que o leitor/internauta seja atravessado por vários posicionamentos dessas categorias, como por exemplo: referência à operação “Quadro Negro”; “contra a intervenção militar”; “Contra intervenção”.

Na postagem do MEC observamos em funcionamento a FD oficial. Conforme vimos, o MEC busca produzir efeitos de unidade em suas publicações, uma vez que evita postar temas que levem o leitor/internauta a realizar uma leitura dispersa. A publicação feita por essa categoria objetiva produzir efeitos de sentidos que demonstrem que o antigo ensino médio necessita ser superado, com o intuito de que um novo ensino médio seja instaurado para que os alunos se transformem em “protagonistas de sua própria história”.

A seleção dos RD's só foi possível porque no digital há uma memória (metálica) onde “tudo” se guarda, uma vez que essa memória funciona pelo excesso de dados. As produções de sentidos, empreendidas neste trabalho, só foram possíveis porque houve um batimento entre a memória discursiva (já-dito) e a memória metálica.

Dessa forma, consoante com o que buscamos apresentar neste trabalho, observamos que o espaço digital, por meio da digitabilidade, afeta diretamente a constituição, a formulação, e a circulação de discursividades. O *Twitter*, por meio de seus algoritmos, faz com que o usuário busque realizar uma “economia discursiva”, em que se faz necessário dizer tudo que se deseja em pouco espaço. Portanto, os efeitos de sentidos estão relacionados a essas especificidades que são próprias do espaço digital.

## Referências

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: Ministério da Educação - MEC, 2017.

CAVALLARI, J. S. O equívoco no discurso da inclusão: o funcionamento do conceito de diferença no depoimento de agentes educacionais. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada (RBLA)*, Belo Horizonte, p. 667-680, 2010.

COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: EdUFSCar, 2014.

- DIAS, C. *A discursividade da rede (de sentidos): a sala de bate-papo hiv*. Campinas: Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- DIAS, C. A ANÁLISE DO DISCURSO DIGITAL: UM CAMPO DE QUESTÕES. *REDISCO*, Vitória da Conquista, p. 8-20, 2016. ISSN 2316-1213.
- DIAS, C. *Análise da discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, C. Memória Metálica. *Verbete. Enciclopédia Discursiva da Cidade*. Disponível em: <<https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete/view&id=119>>. Acesso em: 16 fevereiro 2022.
- FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexão introdutórias*. 2ª. ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FERREIRA, M. C. L. *Da ambigüidade ao equívoco: a resistência da língua nos limites da sintaxe*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2008.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FREIRE, S. *Análise de Discurso: Procedimentos metodológicos*. Edição do Kindle. ed. [S.l.]: EDUA; 2ª edição , 2014.
- MASSMANN, D.; BARROS, R. C. B. Mobilidade e acessibilidade no espaço e-urbano. In: DIAS, C. *Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital*. Campinas: LABEURB/NUDECRI/UNICAMP, 2013. p. 91-103.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6ª. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. P. *A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade*. Campinas: Revista Rua , v. 2, 2010.
- ORLANDI, E. P. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, SP, p. 21–40, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637139>>. Acesso em: 20 fevereiro 2022.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. In: ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. *Introdução às Ciências da Linguagem - Discurso e Textualidade*. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 13-36.
- ORLANDI, E. P. Prefácio. In: DIAS, C. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 11-18.

ORLANDI, E. P. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos dos simbólico*. 5ª. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editoras, 2020.

PAVEAU, M.-A. *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. Organizadores: Julia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas.

PÊCHEUX, M. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, D. *L'Inquiétude du discours - textes de Michel Pêcheux*. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

PÊCHEUX, M. Leitura e Memória: projeto de pesquisa. In: ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011 [1990]. p. p.141-150.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GEDET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5º. ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2014 [1969]. p. 59-158.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014. p. 307-315.

PÊCHEUX, M. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni P. ORLANDI. 7ª. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Abertura do Colóquio. In: CONEIN, B., et al. *Materialidade Discursiva*. Tradução de Débora Massmann. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016. p. 23-29.